

*Industrialização - Brasil
Desigualdade social
Punks - Aspectos sociológicos*



1290000368



IE

TCC/UNICAMP T56d



**Universidade Estadual de
Campinas
Instituto de Economia
Monografia II**



**'Desigualdade e
Rebeldia Punk no
Brasil Industrializado'**

CEDOC/IE

Carolina Dias de Almeida Prado Tocalino 980793

**TCC/UNICAMP
T56d
IE/368**

*maior, Naldin Prado
ano: 2002*

00334550

Este trabalho....

É fruto de uma imensa vontade de esclarecer as pessoas acerca do que é o movimento punk. Entretanto, devo dizer que não é, nem nunca será, em cinqüenta páginas, que toda a amplitude desse movimento, que já se mostrou tão forte e poderoso em mais de 25 anos de existência, será esclarecida.

Assim, fico feliz se consegui delinear a relação que o punk tem com a nossa história econômica desastrosa, dos últimos 70 anos, e a conseqüente formação de uma estrutura social das mais desiguais e perversas do mundo. O movimento, aqui analisado, é um reflexo da situação adversa protagonizada por jovens que, por sua vez, não se mantiveram calados frente aos correntes erros da política nacional, tampouco, frente às injustiças inerentes ao sistema capitalista mundial.

O punk vem jogar na cara que, mesmo em tempos de uma juventude consumista, globalizada e alienada, é possível se ter consciência e atitude, buscando-se um ideal.

Moradores de Rua **(DZK)**

Pessoas sem vida, Sem cor sem alegria
Moram sob marquizes, De prédios bem luxuosos
Abraçam um saco de lixo, Como se fosse um travesseiro
E ainda são vítimas, Vítimas de preconceito
Cidades majestosas, com toda sua grandeza
Escondem a realidade, de pessoas sem nenhuma chance
De pessoas sem nenhuma chance
De pessoas sem nenhuma chance de ser feliz
Vivendo ao relento, o que podem aprender
Como podem viver, sem ter o que comer
Gritos de agonia, de mães desesperadas
Ecoam com tristeza, mas não atingem nada
Mas não atingem nada...

ÍNDICE

1. Brasil: um país desigual.....	4
1.2 Oportunidades Desiguais.....	6
1.3 O 'Avanço' Social.....	9
1.4 Cicatrizes da nossa Indústria.....	11
2. Anos 80: o nervo exposto.....	14
2.1 A Penúria do Desemprego.....	17
3. Delinqüência ou Consciência Juvenil?.....	19
3.1 A Explosão Punk.....	20
3.2 A Cultura Punk.....	23
3.3 Pinos e Pregos.....	27
4. O Grito Suburbano.....	32
4.1 Punk's Not Dead.....	35
4.2 O Fim do Mundo, Mas Não do Punk!.....	40
Entrevistas.....	43
Bibliografia.....	51

1. Brasil: um país desigual

Até os anos 30, o Brasil era um país com vastas áreas pouco exploradas e povoadas, como o Norte e o Centro-Oeste, essencialmente agrícola, agro-exportador, e cuja inserção internacional se fazia exportando produtos primários, principalmente café, e importando produtos essencialmente industrializados. Todavia, a partir dessa data inicia-se um processo industrializante que, no entanto, permanece incipiente até os anos 50, quando é intensificado. A partir de então, irá se estruturar, mais firmemente, uma produção, um mercado interno e uma estrutura social característicos do país.

Assim, o intenso processo de industrialização e de conseqüente urbanização, inaugurados em 30, levaram a transformações profundas e rápidas da estrutura social brasileira, com a mudança, não só do peso relativo dos grandes estratos sócio-ocupacionais, mas também de sua composição interna e de seu significado. Ou seja, durante essas primeiras décadas de industrialização, novas ocupações foram criadas e outras velhas renovadas, tanto pelas transformações econômicas, quanto pelas conseqüentes alterações do modo de vida progressivamente capitalista e consumista.

Nesse contexto, incorporamos no período de 50 a 80, progressivamente, os padrões de produção e consumo dos países desenvolvidos, de modo que teria, agora, origem interna, o grosso da oferta de produtos industriais, inclusive máquinas, equipamentos e insumos.

A produção agrícola também se modificou muito, frente à antiga produção colonial baseada na cultura agro-exportadora, escravista e calcada em grandes propriedades. No entanto algumas características, como a extensão das propriedades, mantiveram-se, mesmo após o crescimento e a diversificação agrícola que, por sua vez, foram frutos da incorporação de novas fronteiras agrícolas e avanços técnicos.

Na cidade grande, os serviços sociais e produtivos e as atividades comerciais não só cresceram, mas incorporaram mudanças significativas nos sistemas de comercialização, de intermediação financeira, de comunicação e transportes.

Nessas condições, o Brasil traçou um crescimento cada vez mais urbano, dada a concentração das novas atividades nas grandes cidades, entre elas, especialmente São Paulo, e a expulsão significativa da população do campo. Tudo isto, em vista das oportunidades de serviço crescentes nas metrópoles, em detrimento das ofertas no meio rural.

Assim, ocorridas todas essas alterações, e na presença de um elevado crescimento econômico, intensificado brutalmente por um momento particular de nossa história durante a década de 70, no chamado Milagre Econômico do governo militar, amplas e novas oportunidades de trabalho e investimentos em diversos ramos acabaram por transformar bastante nossa sociedade.

Instalou-se uma estrutura social particular, calcada em profundas desigualdades. As camadas médias, por exemplo, passaram por uma significativa diferenciação, destacando-se um segmento superior com altos níveis de renda

média, que juntamente a um contingente maior de proprietários principalmente dos setores secundário e terciário, foram os que mais elevaram sua participação na PEA (População Economicamente Ativa) e na renda gerada no período. No entanto, diferentemente desse segmento ascendente, mais da metade dos ocupados das camadas médias apresentavam rendimentos abaixo até da média nacional. São representantes, desse segundo grupo, postos inferiores, tanto em prestígio, como em renda.

Numa análise, ainda mais detida, da alteração da estrutura social, inaugurada nos anos 50, observa-se um intenso caminhar em direção a uma estrutura mais complexa, e, concomitantemente, bastante desigual. Ou seja, ao mesmo tempo em que foi gestada, internamente, uma substancial diversificação industrial e uma maior estruturação do poderio estatal, criou-se, também, uma ampla gama de novos investimentos e, assim, setores que abriam suas portas ao mercado de trabalho. No entanto, as oportunidades geradas seriam apropriadas de forma extremamente desigual pelos diferentes estratos populacionais.

1.1 Oportunidades Desiguais

A alteração da própria estrutura social foi também chamada de mobilidade estrutural, sendo um processo de mobilidade ascendente associado à abertura crescente de novas oportunidades de trabalho, investimento e negócio, em face da expansão e transformação das atividades econômicas, especialmente nas décadas

de 60 e 70. Isto se deu em detrimento das oportunidades de trabalho da área rural, resultado da intensa urbanização, que o país sofria.

Essa transformação, no entanto, veio apenas reproduzir e alimentar distâncias enormes entre os níveis sociais, que puderam ser expressas em termos de acesso à renda, educação, saúde, propriedade e novos padrões de consumo disseminados pela vigorosa indústria de bens de consumo duráveis.

Assim, a modalidade de dinamismo social que se assentou no Brasil foi orientada por mudanças de posições e de valores de consumo, agora típicos da indústria norte-americana capitalista. O automóvel sintetizava muito bem o novo estilo de vida triunfante.

A respeito da mobilidade social ascendente que teve curso, nem sempre as distâncias percorridas foram longas. Isso dependia do status social do indivíduo, o que explica o paradoxo de nossa estrutura social da época, cuja mobilidade, embora ascendente, gerou uma reprodução e mesmo um aumento das desigualdades de rendimentos entre os trabalhadores.

Assim, a transição de um degrau para outro foi mais freqüente entre indivíduos das camadas mais baixas, ou seja, trabalhadores manuais não-qualificados dos meios rural e urbano. No entanto, a grande maioria deles percorreu distâncias pequenas e concentrou-se nos postos imediatamente acima, ou, simplesmente, passou do meio rural para o urbano.

No caso dos trabalhadores manuais qualificados, esse foi o que apresentou a maior proporção de imobilidade, só superada pelo topo da pirâmide social. Todavia,

aproximadamente 30% de seus filhos experimentaram uma mobilidade ascendente, rompendo a barreira do trabalho manual, porém situando-se em ocupações imediatamente superiores, como postos de trabalho não-manual de escritório ou pequena propriedade.

Finalmente, os estratos cujas ocupações iniciais eram não-manuais de escritório, pequena propriedade, não-manuais qualificadas e de médias propriedades experimentaram grandes chances de ascensão, que ainda garantiam ao indivíduo percorrer grande distância social.

Desse modo, o Brasil, apesar de ter tido as mais altas taxas de ascensão social no período, foi ao mesmo tempo campeão mundial de desigualdade, uma vez que a classe média, embora tenha engordado, distanciou-se extraordinariamente da base da pirâmide social.

Cabe ressaltar, que a mobilidade em questão foi uma consequência das alterações político-econômicas, que o país experimentou no período, quais sejam a transição de um país predominantemente agrário, para um urbano e de uma sociedade capitalista de bases rurais, com o atraso e a pobreza concentrados no campo, para uma sociedade urbana, industrial e enraizada na produção e no consumo de bens dotados de todo o progresso técnico disponível na época.

Assim, as reformas estruturais que foram adiadas e possibilitariam uma transição de modelo econômico com bases seguras, acabaram por confirmar a persistência e o aprofundamento de uma perversa concentração de renda, que, por

sua vez, ocasionou uma desigualdade de acesso a oportunidades de todo tipo, associada à origem social e referendada pelas políticas públicas ineficazes.

1.2 O "Avanço" Social

A nova conformação social brasileira decorrente da política econômica, desenvolvida de meados de 50 a 80, não significou mais que uma melhora coletiva dos padrões de consumo materiais e culturais, mas, especialmente, uma forte melhoria desses padrões para as camadas superiores.

Dessa forma, embora o maior acesso a bens de consumo, antes inacessíveis, e as alterações ocupacionais descritas tenham contribuído para uma percepção de melhoria das condições individuais, os valores individualistas e extremamente consumistas, de ascensão social, formam o retrato da nova sociedade brasileira. Sociedade esta, polarizada, onde, de um lado, metade da população era destituída das condições essenciais de vida, e, de outro, uma minoria usufruía um padrão de consumo semelhante ao de países desenvolvidos, ainda dispendo de vastas propriedades.

No meio rural, a desigualdade também foi reproduzida, posto que o crescimento da produtividade foi mais do que proporcionalmente apropriado pelo número, cada vez menor, de proprietários de terra, o quê também denota a forte concentração da propriedade. Já, nas atividades urbanas, desenrolou-se uma contenção salarial, além de um aumento da massa de mão-de-obra disponível e desempregada tanto operaria, quanto de funcionários dos setores público e

privado. Este fato possibilitou, de um lado, uma crescente desigualdade na distribuição de salários e, de outro, rendimentos cada vez maiores para o setor privado.

Instalada essa disparidade social crescente no Brasil, a implantação, iniciada ainda nos anos 30, de um aparato estatal social e suas políticas sociais nunca resolveram a questão da incorporação de milhões de excluídos, ao processo de desenvolvimento. Estas tiveram, sim, um caráter mais assistencialista, onde a defesa dos interesses das classes subalternas foi limitada, assim como sua participação no processo decisório político. Dessa forma, a justiça social nunca se concretizou e as políticas voltadas para esse fim mantiveram-se subordinadas às novas fases da acumulação capitalista, não provocando mudanças estruturais na sociedade, perpetuando os interesses da elite e caracterizando mais uma fase da modernização conservadora brasileira. Esta, por sua vez, ao mesmo tempo em que garantiu à elite a manutenção de seus privilégios, gestou uma economia dependente, tanto do capital externo, quanto da tecnologia já amortizada no primeiro mundo, destacando-se os EUA.

Logo, é em meio a um cenário de estagnação econômica e instabilidade, que o país adentra os anos 80 para o fim do Regime Militar e a redemocratização do processo decisório. A política brasileira opta então por um caminho institucional que, no entanto, não consegue lidar com a crise do Estado desenvolvimentista e do regime político.

Assim os anos 80 serão marcados pela Nova República, onde as reformas tentadas não se efetivaram, fazendo crescer ainda mais as desigualdades sociais e, assim, caracterizando o período como a “década perdida”. No entanto, antes de analisá-la, vale a pena apontar as características do processo de industrialização desenvolvido no país nos trinta anos precedentes.

1.3 Cicatrizes da Nossa Indústria

Ao longo do período 1950-80, a industrialização rápida, que contou com intervenção estatal e condições de liquidez externa favoráveis à obtenção de financiamento, juntamente à intensa urbanização verificada, permitiu a emergência de uma economia com novas regiões ocupadas e articuladas, embora ainda de maneira bastante desigual.

No âmbito produtivo, o cenário era uma indústria claramente debilitada pela carência de autonomia, tanto financeira, quanto tecnológica, mas que paradoxalmente aproximava-se das estruturas produtivas de países capitalistas desenvolvidos, no que tocava a composição do produto.

São Paulo representava o núcleo industrial interno, recebendo migrantes de todo o país. Contudo, isso não impediu que outros estados e regiões crescessem industrialmente, porém de maneira complementar, evidenciando uma incipiente desconcentração produtiva.

Ao longo do período 1950-80: o PIB brasileiro cresceu de modo acelerado, com uma taxa média anual de 7,1%; a produção, a uma taxa de 8,5% a.a.; a

população triplicou-se; e o PIB per capita cresceu 4,2% a.a. (Wilnês Henrique, 1999). Esses dados denotam o dinamismo industrial logrado, além de uma ampliação da infra-estrutura econômica e social, todavia, viriam a contrastar com os índices alcançados na década que estava por vir.

Ainda mais alguns dados podem ajudar na compreensão de como era o Brasil pré-1980: 120 milhões de habitantes, com 80 deles já na área urbana, 40 nas cidades com mais de 500 mil moradores, e finalmente 12 milhões na região metropolitana de São Paulo.

Quanto à estrutura social, como vimos, novas oportunidades de trabalho, negócio e investimento conviveram lado-a-lado a um distanciamento crescente entre os estratos sociais. Dessa forma, o crescimento econômico do Milagre dos anos 70 não foi capaz de acabar, tampouco reduzir, o abismo social gestado em nossa sociedade.

No mercado de trabalho, o movimento nos anos de industrialização rápida foi de aumento do assalariamento e formalização, tanto na atividade agrícola, como urbana. No entanto, esse movimento refletiu a própria concentração de renda, que fez com que, em muitos lares, mais membros da família partissem em direção ao mercado de trabalho, a fim de engordar a renda familiar. Os jovens compuseram grande parte desse novo exército trabalhador, ao mesmo tempo em que foram inseridos, ainda que precariamente, ao consumo moderno. Ademais, observou-se um aumento dos postos de trabalho no setor de serviços, relacionados diretamente ao estilo de vida das camadas de alta renda.

Dessa forma, o crescimento rápido e o aumento do emprego mascararam o alto custo social da política econômica desenvolvida até então, custo este que, na década de 80, seria explicitado e aprofundado, com a reconstituição dos monopólios da educação, da cultura, dos altos negócios e rendas.

O Brasil inteiro experimentou o crescimento da desigualdade social e dos índices relativos à pobreza e à miséria, todavia, foi São Paulo que melhor retratou a sociedade brasileira de então, marcada por desigualdades de toda espécie. Ali se verificaram tanto novos segmentos de proprietários e da classe média ampliada, quanto um operariado industrial da grande empresa e um complexo e diferenciado segmento de trabalhadores urbanos de toda sorte. Juntamente a esses grupos, coexistia uma massa de excluídos moradores de rua, das favelas em visível expansão, cortiços, periferias urbanas e subúrbios, lugares onde estavam desprotegidos de qualquer rede de ação estatal, e que representavam não só a segregação de funções e atividades, como também o confinamento de cada segmento social, conforme seu poder aquisitivo, numa localização hierarquizada em termos de acesso a serviços urbanos e de prestígio. É também no estado paulista, que a pobreza rural contrasta à agricultura mais moderna e avançada do país.

São Paulo deixa claro que o Brasil falhara política e economicamente, denotando que o avanço econômico fora para poucos, e que o preço dos erros cometidos marcaria nossa estrutura social ainda por muitos anos.

2. Anos 80: o nervo exposto

Como relatado até agora, a diferenciação social, resultante do processo desenvolvimentista brasileiro no período 30-80, foi marcada pela sua complexidade e peculiaridade, mas, principalmente, pela concentração da renda, que seria exposta e agravada na década a seguir.

Alguns indicadores podem auxiliar na compreensão do desempenho da economia brasileira neste período: o PIB elevou-se 2,2% a.a. entre 81 e 89, enquanto o produto industrial praticamente estagnou, tendo um crescimento de 1,1% a.a. (Wilnês Henrique, 1999). O investimento no setor produtivo caiu, e a estrutura industrial embora não chegasse a regredir, também não avançou, o que só fez aumentar a distância entre o Brasil e os países capitalistas avançados. O PIB per capita aumentou 1,3% a.a., enquanto a população crescia em ritmo reduzido de 1,9% a.a. Dessa forma a década de 80 representou uma reviravolta na política econômica interna, que experimentaria agora estagnação e altos índices inflacionários, com os quais teria que lidar durante todo o período.

A raiz do problema, entretanto, estava no forte endividamento externo, no qual se baseou o Milagre econômico logrado pelos militares alguns anos antes, dado que, em 1979, dois fatos marcariam uma drástica alteração do cenário internacional. Estes seriam o segundo choque do petróleo, e a mudança da política econômica dos EUA, que elevou drasticamente as taxas de juros internacionais. O

resultado seria a interrupção de fluxos de capitais para a periferia, especialmente após a moratória mexicana em 82.

Nesse contexto a política econômica adotada foi a do chamado "drive exportador", ou seja, uma série de medidas de incentivo às exportações, visando a obtenção de superávits comerciais como única possibilidade de se continuar pagando os serviços da nossa dívida externa. Dentre as medidas tomadas pelo governo destacam-se as restrições monetárias e creditícias com elevação das taxas de juros, duas maxidesvalorizações cambiais, cortes de gastos públicos, arrocho salarial e restrições às importações.

Essa política de ajuste exportador, no entanto, chancelou uma transferência de renda do setor público para todos os segmentos líquidos do setor privado e, também, dos salários para os lucros. A inflação se acelerou, enquanto transferia-se progressivamente para o setor público, a dívida externa do setor privado. Ademais, as taxas de juros elevadas ampliaram a dívida pública, deteriorando cada vez mais as finanças do Estado.

Estávamos no auge da crise do endividamento externo, cujo ajuste resultou em estagnação e alta inflação. Nesse contexto o Estado assumiu uma postura de defensor, e ao mesmo tempo refém, dos interesses do sistema financeiro internacional e das grandes empresas e bancos nacionais, agravando a debilidade de nossas finanças.

O resultado foi um raio de manobra da política macroeconômica interna cada vez menor, atingindo, por conseguinte, as políticas sociais que já eram bastante

subordinadas à acumulação capitalista. Em meio a esse cenário catastrófico da política brasileira, a confiança na moeda nacional esvaiu-se rapidamente.

Assim, os anos 80 foram marcados por forte estagnação econômica e disparada inflacionária, fatores que destituíram a sociedade de seus mecanismos básicos de reprodução: a expansão do emprego no centro dinâmico da economia e a integração progressiva ao consumo moderno. Ademais, os salários viram-se comprimidos, agravando ainda mais as desigualdades de renda.

Portanto o saldo da década, por assim dizer, foi a explicitação e o agravamento das disparidades sociais, antes camufladas pelo dinamismo do crescimento, e agora referendadas novamente por políticas públicas ineficazes. Ademais, a política econômica, mais uma vez, contemplou o enriquecimento de uma minoria, e o empobrecimento da grande maioria.

Foi um momento de deterioração das condições do mercado de trabalho urbano e de incapacidade, por parte do governo, de retirar milhões de brasileiros da convivência com níveis ínfimos de vida, não lhes dando oportunidades de moverem-se na estrutura social conformada.

Nesta década, deu-se uma polarização social nunca vista na sociedade brasileira desde a estruturação de nosso mercado interno. De um lado uma minoria de ricos e privilegiados, cujos padrões de vida e consumo se diversificavam rapidamente, e, de outro, milhões de brasileiros sujeitos ao maior risco de desemprego, à maior possibilidade de se inserirem em postos de trabalhos deteriorados, e cuja renda estava desprotegida da desvalorização inflacionária.

2.1 A Penúria do Desemprego

A crise econômica desenrolada durante a década de 80 provocou, dentre outras coisas, uma “queda da produção industrial de 25%, acompanhada de uma redução semelhante do nível de emprego” (Dedecca, 2002). Foi uma novidade, o desemprego em massa na indústria de transformação, constituindo-se uma realidade brasileira logo em 1981 e 82, quando chega a atingir 20% da PEA na Grande São Paulo.

Nesse contexto, a região metropolitana paulista se consagrará como o núcleo da crise social vivida pelo país. Ademais, a concentração industrial aí verificada, sobretudo em regiões como o ‘ABC’ paulista, provocará uma aglomeração de boa parte dos desempregados originários das grandes empresas industriais, que, por sua vez, sempre foram assalariados.

Desse modo, a perda repentina do emprego traduzia-se num primeiro momento em desemprego aberto. Contudo, a falta de uma rede de proteção social com mecanismos como seguro desemprego, empurrava o cidadão, num segundo momento, para alguma modalidade de atividade irregular. Nesse contexto, verificam-se diversos tipos de atividades, que estarão invariavelmente ligadas a situações altamente precárias de trabalho informal.

Diferente da indústria de transformação, entretanto, foi a trajetória do setor de serviços. A concentração da renda, que premiou os ricos e muito ricos, transformou-se numa espécie de agente de acomodação das tensões sociais criadas pelas adversidades econômicas. Isto, porque o setor abriu novos espaços

ocupacionais, especialmente nos âmbitos do comércio, serviços pessoais e ainda produção de produtos mais ou menos sofisticados, porém sempre subordinados ao consumo da elite. Para esta última, a vida agora dependia de “novas necessidades básicas” criadas.

Nesse momento, também, os grandes meios de comunicação de massa seriam enredados na sociedade, como transmissores dos novos valores sociais e morais, além das “maravilhas modernas” sem as quais não se podia mais viver! Assim, o espírito capitalista e consumista finalmente atinge sua maioria.

As campanhas publicitárias trabalham agora a todo vapor em busca de mais e maiores mercados consumidores, enquanto os jovens adentram o mercado de trabalho a fim de aumentarem a renda familiar, esmagada pelo arrocho salarial. O resultado disso tudo, e que não é difícil de se prever, seria a progressiva incorporação da juventude ao consumo, figurando agora como a grande protagonista dos comerciais e anúncios publicitários.

Todo esse movimento de progressiva internacionalização do capital, com o imenso desenvolvimento dos meios de comunicação, iniciados ainda no pós-guerra, afetaram a juventude de maneira irreversível. Ademais, a juventude passa a ser a imagem padrão dos novos tempos. Todos queriam ser e permanecer jovens, o que deu, a essa faixa etária, o poder de “ditar a moda”, tornando-se a personagem central da publicidade.

Todos esses ingredientes postos juntos, e a juventude será incrivelmente afetada e também afetará a sociedade, assumindo comportamentos que serão alvo da análise.

3. Delinqüência ou Consciência Juvenil?

A juventude emerge como tema para a sociologia, como um fenômeno da sociedade moderna, na medida em que sua problemática denota uma crise do processo de transmissão de valores e normas sociais. Ou seja, na medida em que se notam jovens com comportamentos que fogem aos padrões de socialização, aos quais deveriam se submeter.

Essa crise de padrões da sociedade se dá a partir do surgimento de jovens com um comportamento delinqüente, excêntrico, ou contestador, implicando todos em um contraste com a norma vigente.

Ao longo de todo o século XX verificam-se diversas gerações marcadas por essas características descritas; desde os *beatniks* e a chamada *juventude transviada* dos anos 50, até os *rappers*, do final do século, vê-se claramente a expressão da rebeldia frente às normas padronizadas, e a criação de expectativas, cuja conseqüência é um sentimento comum de angústia e a formação de "subculturas" como forma de escapismo.

Cada uma dessas "subculturas" implica num sistema próprio de valores e padrões de comportamento, como expressão do repúdio sentido. Talvez, a razão desse sentimento seja a exposição do jovem às contradições da sociedade

moderna, posto que, enquanto são professorados de uma forma, vivem numa sociedade real bastante distinta. Essa razão, juntamente ao ainda não enraizamento do jovem no *status quo*, dá origem a um grupo etário e social com forte potencial subversivo e contestador.

Essa contestação juvenil se dá basicamente em relação à estrutura da sociedade industrial-burguesa capitalista e consumista e seu modo de vida.

Todavia, muito diferente se encontra a problemática juvenil na década de 70. Nesse momento, a incorporação do jovem ao mercado de trabalho o insere definitivamente no mercado consumidor, transformando-o, agora, em alvo principal das campanhas publicitárias e da massificação promovidas pelos principais meios de comunicação de massa, tornando altamente negativa a imagem da rebeldia.

É exatamente nesse período, no entanto, que emerge na Inglaterra uma geração de jovens com uma forte noção de mobilização e transformação social, cuja compreensão trilha o caminho dos objetivos desse trabalho.

3.1 A Explosão Punk

Inglaterra/década de 70

Nos anos 70, enquanto o mundo vivenciava o auge da Guerra Fria e o Brasil, sob forte regime autoritário militar, gozava do intenso dinamismo econômico providenciado pelo Milagre econômico, a Grã-Bretanha atravessava uma fase de desajustes econômicos e conseqüentes impactos sociais e políticos. O cenário era

formado pelo visível crescimento do desemprego, que atingia principalmente a classe operária, e por desequilíbrios sociais que abalavam as perspectivas dos jovens, principalmente aqueles cujos pais estavam mais vulneráveis à crise. Tudo pronto para a ascensão ao poder do conservadorismo personificado pela primeira ministra Margareth Thatcher, posteriormente conhecida como a "Dama de Ferro".

Em 1971, é lançado um filme que ficaria conhecido no mundo todo e retratava justamente essa Inglaterra sem futuro, deprimente e dominada pela violência de gangues de rua. Trata-se de *Laranja Mecânica*, de Stanley Kubrick, filme que viria a influenciar as diversas gerações do movimento punk que estava por explodir.

Nos anos 70, na Inglaterra, não havia no que acreditar, não havia perspectivas viáveis para o jovem ser feliz, tudo parecia estagnado, da economia ao cenário musical. O Punk capitalizou em cima desse clima de desilusão e niilismo, sintetizando tudo no verso "*no future*", que atingiria o mundo todo em questão de pouco tempo.

Nesse contexto, entre 1976-77, uma nova sub-cultura juvenil se articula, inicialmente em Londres, em torno de uma revolução musical, comportamental e estética, adotando uma aparência inusitada e anormal para os padrões da época. As palavras de ordem agora eram "anarquia", "auto-gestão", "agressividade", "roupas esculachadas", "cinismo" e "escracho", enquanto a atitude era de rejeição aos aparatos grandiosos e de conhecimento acumulado.

A matéria-prima para o punk, palavra que significa madeira podre, eram elementos básicos, miséria e aspereza, o uso da dissonância e da estranheza visavam chocar a sociedade consumista, capitalista, exploradora e hipócrita que não dava chances à grande maioria dos jovens filhos da classe operária.

Em toda Londres, adolescentes revoltados com o chamado *establishment*, com idade média de 18 anos e, em sua maioria, filhos de operários ingleses, queriam chocar, subverter e espantar. O punk não tinha nada a ver com os sonhos de paz e amor dos hippies da década de 60, pelo contrário, ele não queria mudar o mundo, mas sim “escancarar o fato de que o mundo não podia ser mudado. Conhecia bem as engrenagens do sistema e queria avacalhar com elas” (Revista Brasa/1996)

A primeira banda emblemática do rótulo punk rock foram os *Sex Pistols*, quarteto formado na capital inglesa, por Paul Cook na bateria, Steve Jones na guitarra, Glen Matlock no baixo (depois substituído pela personificação da imagem punk, Sid Vicious) e Johnny Rotten no vocal, um irlandês que levou esse nome graças aos dentes pobres que portava na boca. A banda, em apenas três anos de existência, um LP lançado e mais ou menos 25 músicas, foi deflagradora de um terremoto sem igual no cenário musical e comportamental da história do pop, influenciando até hoje diversos estilos musicais. Costuma-se dizer que “enquanto os Beatles embalaram vidas, os Sex Pistols mudaram vidas”.

"Odeio arte. Não suporto. É tratar alguma coisa que é para ser legal como se fosse preciosa. E não é preciosa. Qualquer um pode fazer um disco". Johnny Rotten.

3.2 Cultura Punk

O punk, por excelência, é um movimento mais de idéias e atitude, protagonizado por garotos de periferia, cujas chances de integração social eram sofríveis. Dessa forma, toda uma cultura é construída em torno de idéias centrais como "anarquia", "cinismo", e os lemas: "faça você mesmo", "*no future*" e "*fuck*¹". Essas idéias irão atravessar o campo musical, estético e literário, semeando, neste último, publicações denominadas *ZINES* (simplificação de Fanzine). Estas possuem caráter caseiro, sendo divulgadas em xerox, pessoalmente ou pelo correio, fazendo, no papel, o mesmo que as bandas faziam no palco e discos, ou seja, chocar a sociedade e defender suas posições políticas, dentre outras coisas. O mais importante zine da época foi o "*sniffin' glue*" ("cheirando cola"). Surgiam também as roupas e gírias, que iam criando laços entre as pessoas, uma cumplicidade por estarem vivenciando um momento novo.

Cabe ressaltar que as indústrias fonográfica e da moda formam nesse período as bases para a hegemonia do capital, na medida em que deturpam os

¹ Em inglês, foder. Um dos palavrões mais cabeludos no idioma da rainha. Se no dia-a-dia todo mundo usa, quando aparece nos meios de comunicação causa repulsa. Para os punks uma solução breve e direta contra coisas como o governo, o sistema e os Rolling Stones.

movimentos sociais e os descontextualizam, transmitindo, assim, novas regras e conceitos voltados à formação e expansão dos mercados consumidores.

Dessa forma, na música em especial, o movimento aparece como um repúdio ao estrelismo do rock progressivo imperante na década de 70, que necessitava de um enorme esquema empresarial e envolvia muito dinheiro. As grandes estrelas do rock eram pessoas inacessíveis, que “vinham, pegavam seu dinheiro e iam embora te deixando como antes”, sempre acompanhadas de grandes aparatos e de um virtuosismo sistemático.

Logo, o rock deixara de ser divertido como em seus primórdios, quando Chuck Berry tocava canções como “*Rock’n’Roll Music*”. A função do punk seria, portanto, resgatar esse rock animado, empolgante e simples, e, ao mesmo tempo, promover a expressão individual com os recursos que estivessem à mão, por mais rudimentares que fossem. A juventude estava cansada de ser expectadora, ela queria participar, combater a apatia e o tédio, como disse Johnny Rotten: “Não se entediar é quase uma ocupação em tempo integral”.

Sniffin’Glue

Now I wanna sniff some glue /

Now I wanna some to do

All the boys wanna sniff some glue/

All the boys wanna some to do.

Cheirando Cola

Agora eu queria cheirar cola /

Agora eu queria algo pra fazer

Todos os garotos queriam cheirar cola

Todos os garotos queriam algo pra fazer

(RAMONES, 1976)

O punk aparece como uma música ágil e autêntica, ligada às experiências dos jovens nas ruas e a seus anseios, uma música que faz sentido novamente para o jovem e suas experiências reais. O resultado de todo esse movimento é um rock básico (de preferência apenas três acordes), seco, cru, sem solos de guitarra virtuosos, mais gritado que cantado, e , principalmente, acessível à maioria dos adolescentes sem formação musical. Um *zine*, por volta de 77, sintetizou assim: três desenhos de escalas de guitarra, cada um com um acorde diferente acompanhado das legendas: "Este é um acorde, este é outro, este é um terceiro". E finalizava: "Agora monte uma banda!"

"Queremos música rebelde, música de rua, música de crise, música contra os assassinos detrás das mesas das grandes corporações, negociando com a morte, o sofrimento humano, a fome e o desespero das pessoas. (...) Punk rock é música de branco oprimido pela sociedade, pelo desemprego e pela depressão. (...) Insatisfação, revolta surda. [Os jovens ingleses] não podem acenar com flores, acenam com correntes e alfinetes. O sonho acabou, viva o pesadelo." SEX PISTOLS

O motivo, pelo qual esse novo tipo de música foi capaz de adquirir contornos de um Movimento cultural, no entanto, reside no fato de que antes de propor um

novo conteúdo musical, propunha, de forma mais contundente, novos meios de produzi-lo, fazê-lo circular e renová-lo. Criava-se, assim, um circuito *underground* mais democratizado, denominado "cena", e que contava apenas com a vontade de cada um de participar. Assim, logo seria criada toda uma atmosfera que envolveria desde o rock e a divulgação de idéias pelos já citados *zines*, até a criação de um estilo próprio de identificação visual.

No entanto, para se compreender o fenômeno estilístico do movimento punk, é preciso, primeiramente, a compreensão do novo status social que o jovem alcança na década de 70 na Inglaterra. A juventude, agora incorporada ao mercado de trabalho, goza de uma participação, na vida urbana, bem mais intensa, sendo assim empurrado para além dos limites do seu bairro, em busca de trabalho, instrução e diversão. A importância da vestimenta nasce justamente nesse momento de maior exposição dos adolescentes, e, conseqüentemente, maior visibilidade às identidades sociais.

A vestimenta, desde o início do desenvolvimento da sociedade industrial burguesa, torna-se o elemento mais evidente da posição que o indivíduo ocupa na estrutura social, sendo utilizado pelo punk como fator maior de identificação, em locais de exposição pública como as ruas.

Para o jovem, a roupa (item número 1 de consumo) e a imagem corporal assumem uma importância particular, na medida em que são definidores da imagem passada, e também do pertencimento a determinado grupo social.

No caso do punk, todos os elementos ideológicos e políticos também serão utilizados como matéria-prima para o estilo de vestimenta e atitude, que, por sua vez, buscarão escapar da mediocridade, do tédio da massificação e da própria imposição da indústria da moda. Há, a partir de então, toda uma articulação desse grupo juvenil em torno da criação de um estilo, que, nesse caso, representa um ponto de confluência do lazer, do consumo (no caso anticonsumo), da mídia (*underground*) e da criação cultural.

Criatividade, aliás, é o que não falta para o punk, especialmente quando se trata de compor um estilo próprio, posto que este extrapolaria tudo que já fora visto até então e subverteria a suavidade e a delicadeza do "*flower power*" dos hippies, com pinos e pregos.

"O movimento hippie falhou. Todos os hippies de agora só representam a completa apatia. Existem milhões de boas razões porque a coisa falhou, OK. Mas a única que nós temos viva é que ela falhou. (...) Eu zombaria dos hippies porque eles são prestativos. Eles vão perceber que eles estão deslumbrados e talvez caiam fora dessa." *Alfinetava Joe Strummer, do "The Clash", uma das primeiras bandas punks inglesas.*

3.3 Pinos e Pregos

Quando se analisa a estética punk é preciso contextualizá-la, ou seja, enxergá-la dentro de toda uma atmosfera detalhista e altamente criativa.

Assim, começemos pelo cenário: uma rua escura, um muro de concreto, um beco ou uma sarjeta. Imaginemos um grupo de punks reunidos sob a noite. Tudo faz parte do contexto: um jovem encostado num poste portando um jaco (jaqueta) de couro cheio de pinos, ranhuras e patches. Este último, um acessório confeccionado em tecido, no qual estão expressos ou bordados nomes de bandas, símbolos, como o da anarquia, ou ainda, simplesmente, palavras de ordem. Levar o cigarro à boca com o pulso protegido por munhequeiras de couro com espinhos de metal e a cor negra que impera, desde os jacos, até as camisetas desbotadas, por vezes de bandas admiradas. A matéria-prima mais freqüente é o couro, eterna emblemática do rebelde e *rockers* dos anos 50; ademais, o couro é resistente e funcional, além de sofrer influência da estética sadomasoquista.

Aliás, desta última também seriam apropriados diversos artefatos como as botas com ponta, os quepes policiais, as tachinhas que podem ser colocadas em, desde casacos, até coleiras. Tudo utilizado para compor o visual punk.

Além da cor negra, o verde musgo e o cáqui dos uniformes militares satirizados. O vermelho e o roxo também são cores recorrentes, principalmente nas camisetas surradas. Estas por vezes portariam nomes de bandas como "Black Flag", "The Clash", "Ramones", "Vibrators", "Buzzcocks", "Adolescents", "Siouxsie and the Banches", "The Damned", entre outras.

Por vezes o jeans aparece detonado e até rasgado, acompanhado dos cintos de tachas e spikes (espinhos), nas blusas são colocados bótons, pequenos broches, também com nomes de bandas e outros dizeres.

O cabelo geralmente é curto, outro sinal de rebeldia frente à eterna imagem do roqueiro e do hippie cabeludo. Um estilo muito comum entre os punks, em particular, é o moicano, tipo de corte mais antiestético que se pode imaginar, uma espécie de crina pontiaguda de pontas separadas, que vai desde a raiz na frente, bem no meio da cabeça, contornando o crânio, até a nuca numa altura que pode chegar a mais de um palmo; os lados geralmente são raspados a zero. Em suma os cabelos são curtos, por vezes raspados, tingidos com cores fortes como verde, roxo, laranja... E, principalmente, arrepiados.

O estilo punk é duro, tosco e agressivo, nada de suavidade ou delicadeza, desde o cabelo moicano, os espinhos e tachas por toda parte, até os alfinetes que, por vezes, são encontrados perfurando a bochecha ou o pescoço. A influência urbana é saliente em tudo e a elegância está na medida certa. Nada sobra no visual, o que é demais tem sempre uma utilidade funcional, como se defender em eventuais brigas ou poder pogar² com espaço.

As meninas vestem calça comprida ou saias curtíssimas. De resto os elementos são basicamente os mesmos, porém os olhos, pintados de preto exageradamente.

² A dança espasmódica e violenta característica de shows de punk e hardcore. O nome vem do brinquedo pula-pula (pogo stick, em inglês), talvez por que consista de pulos desajeitados e movimentos bruscos de braços e pernas para o alto e para os lados.



Finalmente, nos pés, o calçado oficial são os coturnos³ militares, pois são resistentes, pesados, duros, agressivos... Ideal para dar chutes quando for necessário.

No punk tudo é escancarado mesmo, inconformismo, rebeldia, contracultura, desejo de mudança, repúdio a qualquer tipo de preconceito, xingar o governo, originalidade, liberdade, questionamento, escrever um *zine*, falar o quê se

³ Os da marca Doc Martens se tornaram os clássicos e hoje essa empresa inglesa é uma companhia multimilionária, fazendo DMs de todas as cores e modelos.

pensa, cortar o cabelo, ser diferente da norma, formar um selo⁴... De tal forma que, esses sentimentos logo se espalham pelos quatro cantos do mundo; até o então presidente norte-americano Jimmy Carter disse que o punk precisava ser impedido, tal seu potencial subversivo. Tarde demais, o punk estava apenas começando a trilhar seu caminho, já sendo exportado para diversos países da Europa, EUA e América Latina, incluindo Brasil, em menor escala.

⁴ Espécie de gravadora independente, que lança disco de bandas fora do grande esquema da indústria fonográfica.

4. O Grito Suburbano

Brasil/1977

Neste ano, o cenário político brasileiro tinha em seu mais alto posto o general Ernesto Geisel, que em 1979, seria sucedido pelo, também general, Figueiredo, que, por sua vez, levaria o país, dentro de alguns anos, à abertura política, com a volta de governos civis.

Na economia, como já detalhado, o momento era de crise de endividamento externo, subida dos juros internacionais (choque dos juros norte-americano) e alta do preço do petróleo (2º choque do petróleo). Ocorre, ademais, o estancamento de linhas de crédito para a periferia e as políticas de ajuste econômico resultam em estagnação e inflação, enquanto as finanças públicas vêm-se em situação cada vez pior.

Nesse contexto, a questão social foi deixada de lado pelo governo, passando, cada vez mais, a assumir um caráter assistencialista, o quê, juntamente ao arrocho salarial ocasionado, às disparidades sociais que se tornavam insustentáveis e ao desemprego que abalaria a economia logo no início dos anos 80, cria uma crise social, semelhante àquela vivida pela Inglaterra na década anterior.

Assim, as dificuldades vivenciadas pelas classes populares e a deterioração das suas rendas, frente à carência de mecanismos que as protegessem da desvalorização inflacionária, empurram os jovens ao mercado de trabalho.

Entretanto, a incorporação de jovens e crianças ao mercado de trabalho no Brasil, não se restringe à indicação de miséria e marginalidade às quais estavam

sujeitas as classes trabalhadoras, embora seja uma dimensão muito importante dela. Há de se registrar também a inserção de grande parte da juventude numa série de outras esferas institucionais e sociais, em conseqüência do fato de terem uma ocupação em um emprego.

Essa transformação torna-se muito importante para este trabalho, na medida em que provoca mudanças nas aspirações, nos modos de vida, nas referências culturais e nos mecanismos de identificação social da juventude.

Os salários recebidos por esse novo contingente de trabalhadores os transformam em mercado consumidor, o que, juntamente ao fato da valorização da imagem do jovem ocorrida no mesmo período, coloca-o como a principal vedete dos anúncios publicitários, prenunciando uma crise de valores, de modelos políticos e de utopias.

Por tudo isso, a juventude brasileira vivia, na virada da década, uma situação única, nova e, acima de tudo, propícia ao surgimento de um movimento juvenil de mobilização social, bastante semelhante ao iniciado na Inglaterra e disseminado por diversos países do mundo, denominado punk. O berço para esse nascimento, por sua vez, não poderia ser outro, que não a metrópole que resumia toda a crise, angústia, antítese e frustração vivida na época, ou seja, a Grande São Paulo.

Surgia assim, do concreto e da aspereza da vida paulistana, um grito de rebeldia, de raiva e de mudança, muito mais agudo que tudo que já se ouvira! Enquanto "Sex Pistols" e "Ramones" se apresentavam na Europa e nos EUA, bairros como Tucuruvi, Casa Verde, Vila Carolina, na zona norte de São Paulo, e diversos

outros pelo 'ABC' paulista fervilhavam, com garotos de 14 anos tocando rock e semeando aquilo que seria em breve a explosão punk brasileira.

Repudiando o sistema, a pseudo-rebeldia dos hippies e a dissimulada MPB, os jovens suburbanos daqui perceberam que tinham muito a ver com os do Primeiro Mundo e, portanto, não estavam sozinhos. Dentre eles a maioria eram filhos de operários e famílias pobres, com ocupações como 'office-boy' e 'bancário', entre outras, que não apontavam futuros promissores, tampouco expectativas de melhora. A opção? Agüentar calado toda a opressão e adversidade, ou gritar o mais alto que pudessem contra a política, a economia, o comportamento consumista e a cultura enlatada vendida.

"Já nascemos punks por falta de opção. Somos a representação da nossa época", disse Ariel, integrante do "Restos de Nada", considerada a primeira banda punk do Brasil, em entrevista à Folha de S.Paulo em 28/11/96.

Inicialmente, no entanto, os jovens se agrupavam em pequenos grupos, com o guanguismo e o bairrismo tomando conta da cena. Nesse contexto, até os anos 80, diversas gangues se espalham por São Paulo, sendo estas, por definição, inimigas, o quê acabava desencadeando brigas freqüentes, que pareciam definir quem era mais punk de uma maneira bastante juvenil.

Apesar desta imaturidade, no entanto, começava a ser delinear o quê mais tarde viria a ser o movimento punk brasileiro, e nesse ritmo os cabelos ficavam cada vez mais curtos e espetados e a atitude cada vez mais rebelde, conforme as informações iam chegando de exterior.

A revista POP foi, durante grande parte da década de 70, a única publicação periódica que se dedicava à faixa juvenil, abrangendo música, comportamento, esportes, lazer, literatura, etc.

“As informações vinham do exterior distorcidas. As revistas demoravam pra chegar e o governo militar impedia um monte de coisas”, *afirmou Redson, vocalista do “Cólera”, uma das bandas mais respeitadas até hoje pelo movimento, também em entrevista à Folha de S.Paulo de 28/11/96.*

4.1 Punk’s Not Dead

Com os anos 70 chegando ao fim, o punk gozava de intensa exposição na mídia internacional. No entanto, acabava junto à década uma das bandas mais importantes para o nascedouro do punk, os “Sex Pistols”. O saldo deixado, para tanto, foi um quarto de hotel absolutamente ensangüentado e duas mortes: Sid

Vicious, baixista da banda, assassinara sua namorada sob intenso efeito de heroína, e poucos dias depois morria, também em virtude da droga⁵.

Nesta época, outro fato abalaria as estruturas do punk, "The Clash", banda inglesa cultuada no mundo todo, render-se-ia ao grande público, sendo vendida, mercadologicamente, em território norte-americano.

No entanto, toda aquela comunidade envolvida com a cena, através do punk rock, não se dispersou. As redes de correspondência de informações, *zines* e fitinhas K7 não se enfraqueceram, tampouco o fizeram as gravadoras alternativas, as discussões políticas sobre o movimento, a troca de experiências... Todos esses mecanismos mantiveram-se fortes, alimentando cada vez mais a cultura punk. Afinal, os fatos ocorridos só vieram confirmar uma das máximas do movimento: "Live fast, die young", qualquer coisa do tipo: "Viva rápido, morra jovem!"

Nesse contexto, a comunidade anônima que sempre esteve dando suporte para a existência do punk, como um movimento articulado, continuou a atuar, porém agora não existiriam pessoas falando em nome do movimento na mídia. A articulação se daria, dali pra frente, de uma maneira bem mais underground, sem o menor contato com o mainstream e sustentando a frase: "PUNK'S NOT DEAD" ou "O PUNK NÃO MORREU" que ecoaria com muito mais força em locais como os EUA, Alemanha, Finlândia e Brasil.

Aqui, viveremos o auge do movimento na década de 80, especialmente 82, ano que marcou o punk brasileiro, não só pela exposição à mídia, como pela

⁵ Sid Vicious, em 11/11/78, foi preso acusado de ter matado a namorada, Nancy Spungen, a facadas num hotel em Nova York. Sid morreria por overdose de heroína também em NY, em 02/02/79.

organização, em novembro, do lendário "Começo do Fim do Mundo", primeiro festival a reunir vinte bandas do movimento no Sesc-Pompéia, em São Paulo, as quais tinham muita dificuldade em arranjar locais para tocar.

COMEÇO DO FIM DO MUNDO - 1982/SESC-POMPÉIA:



Fonte: Site da banda Ratos de Porão.

"Foi a primeira vez que os punks saíram da periferia para se apresentarem num espaço da classe média. Deixou a juventude universitária embasbacada, o que deu origem à cena underground paulistana, (Revista BRASA/1996) ".

Entre as bandas que tocaram estavam "Cólera", "Inocentes", "Olho Seco", "Fogo Cruzado", "Lixomania", "M-19" e "Garotos Podres", chegando a reunir cerca de mil pessoas, segundo reportagem publicada pela Folha de S.Paulo em 26/11/82. Era o auge do movimento brasileiro, com jornalistas e fotógrafos registrando o momento histórico, entretanto, por volta das 17hs, a polícia invade o salão e acaba

com o que classificava como desordem, levando para a delegacia parte da platéia, em sua maioria adolescentes de 14 a 19 anos, vestindo roupas negras e com cabelos arrepiados. Fim do primeiro ato do punk Nacional!

Mas a repressão não esfriou o momento, e a cultura fervilhava como nunca pelos quatro cantos de São Paulo. Os pontos de encontro seriam a estação São Bento do metrô e as lojas de discos e camisetas das grandes galerias no centro da cidade. Estas se localizam até hoje entre a Avenida São João e a 24 de maio, e abrigavam lojas como a "Punk Rock".

"Nos sábados, o prédio ficava lotado de punks, e várias turmas se encontravam", *relembrou Fábio, vocalista do "Olho Seco" e dono da loja "Punk Rock" na época.*

A essas alturas, diversas bandas estavam nascendo nos subúrbios e periferias de São Paulo e no 'ABC' paulista, outro berço importante da cena nacional e, também, da maior parte dos metalúrgicos do país. Assim, enquanto os pais participavam de greves da indústria automobilística, que ajudaram a acabar com o regime militar, os filhos descobriam o punk.

Ainda em 82, a "Punk Rock" lança um selo e, com ele, a primeira coletânea de bandas punks brasileiras: "GRITO SUBURBANO". O LP continha três das bandas mais importantes do cenário: "Olho Seco", "Cólica" e "Inocentes". Através de um

selo independente, a banda "Lixomania" lança seu LP no mesmo ano e, logo em seguida, de 82 para 83, outra coletânea, o LP intitulado SUB é lançado, contendo as bandas "Fogo Cruzado", "Psykóse", "Ratos de Porão" e "Cólera".

Além disso, também em 82, foi gravado um documentário de 45 minutos de duração, intitulado "Garotos de Subúrbio", produzido pela produtora "Olhar Eletrônico".

Entretanto, após esse período intenso, que concretizou o punk no Brasil, houve um afastamento deste da mídia, em função dos resquícios do regime militar, que não via com bons olhos a rebeldia e o protesto, e das crescentes incidências de tretas entre punks e carecas⁶ ou entre as próprias turmas do 'ABC' e de São Paulo. Além das divisões internas e da pressão policial, parte da imprensa publicou reportagens ressaltando a violência e os perigos do movimento, aumentando o preconceito em relação a eles.

A partir de então, o punk foi perdendo espaço e voltando para os guetos. Uma casa que deu sustentação ao movimento punk, entre 83 e 84, foi o conhecido *Napalm*, o mais importante clube punk de São Paulo, que ficava na Boca do Lixo. Nele, uma foto de um garotinho com uma granada na mão recebia punks de verdade, protopunks⁷, nem waves⁸ e curiosos.

⁶ Uma espécie de primo pobre dos Skinheads ingleses, um renascimento do racismo, anti-semitismo e nacionalismo xenóforo dos nazistas da Segunda Guerra Mundial.

⁷ Precursores do movimento, que ouviam bandas como Stooges, New Yourk Dolls, MC5, entre outras.

⁸ Ao pé da letra, uma "nova onda", ou seja, aqueles que vieram depois dos punks e ouviam sons góticos, como Joy Division, Echo and the Bunnymen, The Cure...

O *Napalm* durou menos de um ano e acabou em pancadaria, é claro. No entanto, após seu pequeno reinado, o clube que despontou na cena pós-punk gótica e depressiva foi o *Madame Satã*. Este funcionava num casarão na Bela Vista e teve seu auge em 84. “Depois foi descoberto pelos yuppies⁹ da Folha de S.Paulo e perdeu a graça!” (Revista BRASA/1996).

Nessa época, no entanto, estima-se que cerca de 200 *zines* circulavam somente em São Paulo, e gravadoras independentes punham a disposição do público cerca de 50 títulos. Há notícias também de um show ocorrido em Juiz de Fora, que teria levado 20 mil pessoas ao local. Ademais, durante o ano de 87, a banda “Cólera”, registraria 56 apresentações em dez países da Europa.

4.2 O Fim do Mundo, Mas Não do Punk!

Durante o fim da década de 80 e a de 90, o punk sobreviveu assim, tocando em pequenos bares e sem exposição na mídia, no entanto, a cultura punk continuou forte, assim como as correspondências e discussões, que mantiveram um movimento articulado, agora de norte a sul do país, uma vez que em todas as grandes cidades observou-se o aparecimento de bandas ou, simplesmente, pessoas ligadas à ideologia e às idéias punks e libertárias.

Nesse período, também, bandas que em 82 estavam começando, cresceram e estão aí até hoje, como é o caso do “DZK” (Dizilibriu Social), uma das mais consideradas da cena atual. Por outro lado, grupos que nem existiam no início dos

⁹ Uma espécie de movimento em resposta aos hippies, mas que, com certeza, consegue ser muito pior! Caracteriza-se pela completa oposição à estética desganhada dos hippies e pela dedicação às

anos 80 formaram-se e adquiriram respeito no movimento, como a banda "Subvidentes", surgida em 86, e a banda de meninas "Menstruação Anárkica", ambas do ABC paulista, que, por sua vez, continuou sendo um celeiro do movimento.

No ano de 2001, realizou-se em São Paulo o "A Um Passo do Fim do Mundo", festival que celebrava não somente uma data de jubileu - os 25 anos do surgimento do movimento punk (1976) - mas também os 20 anos do "Punk's Not Dead" (1981) e os 19 anos desde "O Começo Do Fim Do Mundo". Como este último, aliás, "A Um Passo do Fim do Mundo" também contou com debates, exposições e, sobretudo, com protesto e rebeldia.

Finalmente, neste ano de 2002, ocorreu o "Fim do Mundo", terceiro festival da trilogia, cujo cartaz trazia uma bomba atômica explodindo o mundo e uma garota punk fugindo correndo, ao lado encontrava-se o seguinte texto:

O Fim do Mundo

"Após 20 anos chegamos ao "Fim do Mundo" a continuação do lendário "O Começo do Fim do Mundo" e do não menos mítico "A Um Passo do Fim do Mundo" de 2001. Queríamos deixar claro que esse "Fim" não é a destruição de tudo num nihilismo sem sentido e sim o tão esperado Fim de uma era de (des)governos e caos.

Esperamos fechar com chave de ouro essa seqüência de grandes festivais, contribuindo com a cultura underground de uma forma honesta

e direta, resgatando a essência do "faça você mesmo" e fazendo o Punk continuar em atividade.

Nosso objetivo não é ser saudosista e sim, contar uma história que muitos não contaram como se deveria. Vamos mostrar todo um acervo de fotos, vídeos, fanzines, cartazes e shows com 60 bandas (algumas delas tocaram nos 2 festivais) mostrando a nossa visão desse movimento chamado Punk Rock."

No "Fim do Mundo" apresentaram-se bandas como "Lixomania", "Condutores de Cadáver", "Cólera", "Restos de Nada", "DZK", "Subvidentes" e "Menstruação Anárkica".

Aliás, fiz entrevistas com essas três últimas, na ocasião do "Fim do Mundo", que se encontram a seguir. Todo o material muito elucidado sobre, afinal de contas, o que é ser punk, sua cultura, seus anseios, suas reflexões e críticas, pois uma coisa é falar sobre, outra, bem diferente, é SER!

Por fim, no "Fim do Mundo" a polícia também invadiu atirando em direção à molecada, porém dessa vez o show continuou, assim como deve continuar o movimento punk para sempre, pois, volta e meia, algum garoto da periferia descobre uma fitinha velha dos Ramones ou dos Sex Pistols e, tomado pelo gostoso e empolgante sentimento "Faça Você Mesmo", começa tudo de novo!

ENTREVISTA COM A BANDA "MENSTRUÇÃO ANÁRKICA"

Formação:

Edwirges (vocal e guitarra);

Fabiana (bateria);

Elidia (baixo e back vocal).

Como, pela primeira vez, vocês tomaram contato com o movimento punk, ou algo que as levasse mais tarde a montar uma banda?

Edwirges: Desde 1985 eu já "colava" com o pessoal de Diadema, onde eu morava, e desde de então sempre andei com eles, foi punk na veia, punk pra mim já vem a muito tempo, bem antes de eu formar a banda. Mas eu já tocava, só não tinha banda. Depois de um certo tempo, surgiu a idéia de montar uma banda, uma banda de "mina". "Mina" porquê a gente se dá bem, e homem sempre acha que a gente não tem capacidade, ou dá briga. Então, eu conheci um pessoal de Santo André, a Cuca, e estamos aí até hoje!

O que, na sua opinião, te atraiu para o movimento punk, e te levou a se identificar com ele?

Edwirges: A ideologia punk, o anarquismo, a liberdade e a igualdade pra todo mundo, sem diferença de classe social, de cor ou sexo, isso é o principal.

Qual a importância do movimento punk para a juventude atual?

Fabiana: Alguns jovens distorcem o movimento punk, só que na realidade trata-se de um movimento libertário, um movimento de paz, não de "ganguismo", ou fascismo, que muita gente prega, entendeu? É liberdade.

Qual a diferença pra vocês da cena punk atual, pra cena punk dos anos oitenta?

Edwirges: Quando eu comecei a dar "*rolê*¹⁰" com o pessoal punk, a diferença é que havia muito radicalismo, as pessoas apanhavam por causa de um botão ou de um alfinete, se não soubesse por que usava. Já hoje, todo mundo pode usar o visual punk, pode se dizer punk, muitas vezes sem saber o que é o punk. Mas a gente tem que dar liberdade para essa galera estar entrando também, e, de repente, ficar como nós, até "trocentos" anos aí, e morrer punk, "punk um dia, punk até morrer"! Senão procurar um outro caminho, se não se identificar, porque hoje ficou muito fácil ser punk, e naquela época era muito difícil, você tinha pressão de todos os lados e muito radicalismo.

E quanto à (re) pressão do Estado?

Edwirges: Havia repressão! Hoje, a gente vê uma molecada que tem por aí, que às vezes faz coisas, tipo zoar um "*busão*¹¹", algo que nunca acontecia antes, porque esse pessoal não sabe o que é repressão, entendeu? Nunca foi preso, coisa que a gente viveu, sentiu na pele. Então, é aquele lance que a sua liberdade termina onde começa a do próximo, e hoje, o que eu vejo, e que às vezes me

¹⁰ Andar junto.

¹¹ Ônibus.

agride dentro do movimento punk, é aquele que acha que é livre, mas não tem consciência e não consegue respeitar a liberdade do próximo.

Hoje, seria mais fácil assumir um comportamento punk?

Edwirges: A gente viveu numa época, na qual ninguém podia falar mal do governo, mas a gente falava assim mesmo, só que tinha o DOPS, o militarismo. Mas hoje é tudo muito livre, hoje pode tudo, e tem gente que não sabe usufruir a liberdade, ainda não é do jeito que tem que ser, do jeito que o anarquismo prega, que eu penso, e que a gente pensa, acho que eu posso falar por todas. A gente ainda não tem a liberdade que a gente gostaria de ter, com consciência, respeitando o próximo.

Fabiana: Complementando, antigamente a gente queria mais era anarquia, ser punk, enquanto hoje em dia é mais visual, o moleque arma um moicano, só que não tem nada na cabeça.

Talvez tenha havido uma banalização do visual e da estética punk?

Fabiana: A televisão coloca muito visual, em muitas novelas e filmes, sempre o "mau" tem um moicano. Ontem mesmo rolou uma "treta" por causa do Supla, ele leva a nossa imagem pra TV, distorcida, de uma outra forma, a forma da grana, a gente não quer isso, a gente não está aqui puramente por visual, mas sim pelas idéias.

Qual a influência do movimento punk internacional pra vocês?

Edwirges: Claro que há muita influência, pois o punk nasceu lá, mas acontece que eu não tenho muito conhecimento, nem vivência da cena punk de lá, eu sei por

revistas, pelo que outras pessoas me falam, mas eu não gosto de falar muito do que eu não sei, entendeu? Mas, pelo que eu saiba o punk de lá não é muito político como aqui, é mais cultural.

Elidia: Lá, eles vivem um cenário político completamente diferente do nosso. Pelo menos na visão que nós temos de lá, o jovem cresce com condições de estudar, com opções e oportunidades. Aqui, o jovem e a criança lutam pra se educarem, muitas vezes se vêem crianças no farol, tentando trabalhar pra sustentar uma família, sem condições sociais. Aqui o governo não nos dá isso, então fica difícil comparar aqui com o exterior, porque os cenários são completamente diferentes, o movimento punk daqui é muito mais politizado, do que a gente percebe lá fora.

**ENTREVISTA COM A BANDA "SUBVIVENTES"
E COM "MAKARRÃO" DA BANDA "D.Z.K"**

Subvidentes:

Rafael (guitarra)

Abutre (baixo)

D.Z.K:

Makarrão (baterista)

Também participaram:

Cátia (esposa de Abutre)

Valtair (editor do IAP – Informativo Anarco-Punk)

Como vocês tomaram conhecimento da cultura punk pela primeira vez?

Rafael: Eu tinha 15 anos, comecei curtindo "metal", aí um amigo meu me apresentou pros caras do "Subvidentes", me mostrou uma fitinha, né. Eu comecei a ouvir, a gostar e a ir aos shows deles, até que chegou uma época que eu tava gostando de Subvidentes "pra caramba", quando os caras me convidaram pra entrar na banda, e eu aceitei com certeza, na hora. Isso já faz 10 anos.

Abutre: A minha história é um pouco mais comprida, quando eu tinha sete anos de idade, eu conheci essa "porra" aqui, esse fedorento aqui, o Makarrão. Vivia lá ele, o "Basicão", o "Sanatório", tudo lá no Santa Maria, em meados do 1978, mas em 76 eu já ouvia The Dickies, Rezzilos, Undertones... O contato com o punk, então, foi com esse pessoal, meu irmão, o "Bozózão", que era meu vizinho da frente, o Josias, o "Zezinho Podre", "General Carniça", a galera da época,

formulando o primeiro pessoal punk do ABC, existiam os punks "Carniça", os "Destróier"... as várias tendências do movimento se formulando.

Em algum momento, os grandes veículos de comunicação (rádio e TV) te ajudaram a conhecer o movimento punk?

Abutre: Não! Muito pelo contrário, a gente não tinha nem televisão na "goma" (casa, lar), tinha uma vitrola e um rádio, e o pessoal trazia os discos, o "Gordo" era o cara dos discos, ele tinha dinheiro e importava, era uma "pá" de Play, e ele trazia pra gente ouvir. A primeira banda pesada que eu ouvi de rock 'n' roll foi Ringo Star, aí depois eu escutei Dickies e essas coisas...Os caras tinham aquela tendência, né, de sair do movimento Hippie e caminhar pro Punk, só que ali ninguém conhecia nem o Hippie, só que o Ramones, quando os caras apresentaram pra gente, a gente já se apegou!

Makarrão: Eu acho legal que eu sei contar a história de todos esses moleques aqui, pra mim são tudo moleque. A Cátia (esposa do Abutre) fazia aula de inglês, era uma pequena "boyzinha", a mãe dela queria que ela fizesse inglês, ela vivia correndo da mãe dela, o Rafael era metaleiro, cabeludão, o Abutre, quando eu ia lá no santa Maria, tava tudo cagado nas calças, fedorento, cheirando cola. Aí ficava nós tudo cheirando cola lá, isso em 78/79. Ali começou a rolar a parada toda.

E o seu primeiro contato com o punk, Makarrão?

Makarrão: Em 74/75, mais ou menos, eu já era roqueiro, gostava de rock, curti Led Zepellin, Queen... Aí, tinha um amigo meu que trabalhava numa editora que importava os "bagulho", e ele trouxe pra mim uma revista da época chamada

“POP”, que trazia como que a gente tinha que ser pra ser punk: jaqueta de couro, camiseta de desenho animado, calça rasgada tipo Joey Ramone... Aí eu pensei: eu curto rock, mas acho que eu tenho tudo a ver com o punk, eu não tenho dinheiro, sou “fudido”, “podrerão” e ando fedidão, acho que eu tenho que ser é dos punks!

Como foi a sua identificação com o punk, Abutre?

Abutre: O que me levou a ser punk, mesmo, foi a identificação do punk com a minha condição social, ali, eu percebi que eu não podia ser hippie ou metaleiro. Mesmo que eu quisesse ter cabelão e andasse no movimento metal, eu ia ser punk do mesmo jeito, eu já era punk, não tinha o quê mudar na minha postura.

Makarrão: Ele já fazia uma faculdade com a gente, o pessoal mais velho, ele admirava a gente inconscientemente, e a gente também admirava ele, mesmo moleque.

Qual seria, então, a importância do movimento punk pra rapaziada nova?

Abutre: O movimento punk é um movimento social, na medida em que ele entra na razão da pessoa como um movimento anarquista, deixando o próprio punk como movimento secundário, e mostrando que há uma postura a seguir, e o punk vai ajudá-lo na posição social.

Talvez a mídia tenha se apropriado de uma parte do movimento punk e o distorcido, ou pelo menos da estética punk?

Makarrão: Eu não faço parte da mídia! Nunca precisei dela!

Abutre: O punk é dinâmico, enquanto a mídia diz que o punk tem que andar cheio de arrebite e de preto, o punk sai de jeans. Isso aconteceu muitas vezes, né

Makarrão? A gente mudou tantas vezes de visual, que a mídia ficava perdida, enquanto a "FÓRUM" dizia "o punk usa calça rasgada", a gente saia de jaqueta jeans, "o punk usa preto", a gente saia de jeans.

Makarrão: O punk dita, e sempre ditou, a moda! O punk é muito criativo, muito inteligente e consciente. Toda essa parafernália que tá aí e esses pequenos burgueses copiam o punk. O objetivo principal dessa sociedade é transformar o movimento punk numa grande moda, mas e a rebeldia?

Valtair: É o mesmo que eles fizeram com o movimento hippie, transformaram ele numa moda passageira, mas o punk tá resistindo já faz mais de 20 anos. Caras como o "Supla" e bandas como "Green Day" e "Offspring" se apossam da cultura punk, pra se divulgar e ganhar em cima disso, só que nós, o pessoal e as bandas, realmente punks, não se vendem, e o som só é vendido aqui nos "*gigs*" (em inglês, show ao vivo) ou nas correspondências direto com a banda. Não tem CD nosso em loja.

Quais as barreiras e preconceitos que você, sendo uma menina e ainda de um nível social um pouco mais elevado, teve que enfrentar para assumir uma postura punk?

Cátia: Com a família e a sociedade foram todos, né?! Pois ninguém aceitava que uma pessoa que não tinha por quê lutar por uma causa que não era dela, tomasse essa postura. Na verdade não era nem uma causa, não havia tanta consciência como há hoje, era mais uma indignação, na época. Além disso, eu era taxada de subversiva na escola, em tempo de ditadura.

Bibliografia

ABRAMO, Helena Wendel. ***Cenas Juvenis***. São Paulo, Editora Página Aberta Ltda, 1994.

CAIAFA, Janice. ***Movimento Punk na cidade – A invasão dos bandos sub***. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1985.

CARDOSO DE MELLO, J. M. e NOVAIS, Fernando. ***Capitalismo Tardio e Sociabilidade Moderna, in A História da Vida Privada no Brasil***, vol.4. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

DEDECCA, Cláudio Salvadori. ***Notas sobre o Problema de Emprego e o Desemprego no Brasil***. Versão para discussão, Paris, 2002.

HENRIQUE, Wilnês. ***O Capitalismo Selvagem - Um Estudo sobre Desigualdade no Brasil***. Tese de Doutorado. Campinas, 1999.

KEMP, Kênia. ***Grupos de Estilo Jovens: O 'Rock Underground' e as práticas (contra) culturais dos grupos 'punk' e 'trash' em São Paulo***. Tese de mestrado. Campinas, 1993.

REVISTA BRASA, Nº 1. Editora Acme, São Paulo, 1996.

ROLNIK, Raquel e outros. ***São Paulo: Crise e Mudança***. Prefeitura de São Paulo, Editora Brasiliense, s/d.

SALEM, Helena. ***As Tribos do Mal – O neonazismo no Brasil e no mundo***. São Paulo, Editora Atual, 1995.

FOLHA DE S.PAULO. ***Caderno Especial – Punk***. Edição de 28 de novembro de 1996.